

# A origem dos números e o 25 de Abril

José Paulo Viana

25 de Abril de 1974.  
De repente, muita  
coisa muda em  
Portugal.  
Mas que relação pode  
isso ter com a  
Matemática?  
Por que estranho  
processo me veio o  
25 de Abril pôr em  
causa uma ideia  
dominante sobre a  
origem dos números?

De vez em quando, nas minhas aulas, discuto com os alunos a origem dos números e, claro, surge sempre o exemplo clássico da contagem das ovelhas: quando os homens se organizam como pastores, precisam de saber quantos animais têm à sua guarda. Foi este o exemplo que ouvi quando andava no liceu, é este o exemplo que quase todos os meus colegas me citam quando lhes levanto esta questão.

Aliás, dando uma pequena volta pelos livros que tenho aqui em casa, encontro-o sempre que se fala na origem dos números.

Posso dar alguns exemplos.

Paul Karlson, em *A Magia dos Números*, na secção "Como os números apareceram sobre a Terra":

(...) duas coisas que nada têm a ver uma com a outra são relacionadas sem mais nem menos: o rebanho de ovelhas e os dedos.

Sebastião e Silva no *Compêndio de Álgebra* para o 6º ano:

Entre a atitude mental do pastor, que amontoa seixos para saber quantas ovelhas tem no rebanho, e a do matemático, que demonstra a irracionalidade do  $\pi$ , medeiam muitos séculos de história.

I. Adler, em *Números e Figuras*:

Quando [os homens] se fizeram agricultores e pastores (...) tinham de medir os campos e contar os rebanhos.

E tudo corria bem assim. Até que, em 1974, se dá o 25 de Abril. É um período de alegria, confusão, esperança, mudança, expectativa. Desencadeiam-se acontecimentos e processos que vêm pôr em causa valores e "verdades" que há muito se não discutiam. As pessoas saem à rua e a agitação é permanente. Nos outros

países é grande a curiosidade sobre o que aqui se passa e muitos estrangeiros vêm até cá para ver ao vivo aquilo que julgavam impossível na Europa actual: uma revolução.

Alguns desses estrangeiros decidem mesmo participar e ter um papel activo no processo. Entre eles está o alemão Jochen Bustorff que se interessa pela Reforma Agrária e vai trabalhar para a Cooperativa "A União faz a Força", na zona de S. Domingos da Serra. Enquanto lá está escreve o *Diário no Alentejo*. Em 1983, este diário é publicado em português. Em 1986, o livro vem parar às minhas mãos. Olho para a última página e leio a última frase:

Tinham sido os anos mais belos da minha vida.

Fico com vontade de ler o livro. É o que faço. Com prazer, porque está escrito com um certo humor, não esconde os problemas existentes e tenta dar um retrato fiel de como se vivia naquela cooperativa.

De repente sofro um choque, um abalo nas minhas convicções, ao encontrar a passagem que passo a citar.

## Um drama com ovelhas

"Mas como aconteceu isso, homem?"

[O pastor] estava com mau aspecto e estourado. Acendeu um cigarro. "Não se deve prender as ovelhas durante a noite, sobretudo quando está lua-cheia. Tornam-se muito selvagens e põem-se a marrar contra a cerca. Portanto, o que é que fiz? Fui guardá-las durante a tarde. Quando elas arranjaram um sítio para pernoitar (...) fui-me deitar com a minha

mulher. De manhã, às 2h, levantei-me, peguei nos cães e fui ter com as ovelhas. Ainda lá estavam, tal como as tinha deixado. Voltei para junto da minha mulher. Às 6h fui lá outra vez. As ovelhas tinham fugido. Não encontrei nenhuma. Os meus cães foram logo para a barragem, onde encontrei algumas mas já mortas. Também vi alguns cães que vagucavam junto da barragem’.

Voltámos a ouvir o tractor. Vinha pelo caminho do poço, muito devagar. Atrás, seguia o rebanho. O D de um lado, e o A do outro, não deixavam as ovelhas extraviar-se.

O irmão de F deitou fora o cigarro e foi ao encontro deles: ‘Que merda! e havia logo de ser comigo! Quanto a mim foram os cães dos vizinhos que se atiraram ao rebanho. Despedaçaram algumas e perseguiram as outras até à água. Com o medo, as ovelhas atiraram-se para lá, tendo-se afogado algumas, coitadinhas. Teve que ser assim.’

‘Sim, foi isso!’. O tractor parou mesmo à nossa frente. O F estava muito abatido. Não se mexia. Os cães do pastor queriam atirar-se ao rebanho quando o viram. O dono ainda teve a calma para lhes assobiar. As ovelhas queriam fugir. Estavam muito assustadas, mas conseguimos juntá-las.

‘Que lindo serviço!’. O F saiu do tractor. ‘Mas vai-nos pagar. Vai-lhe sair cara a brincadeira!. ‘A quem?’, quis eu saber. ‘Ao vizinho! Foram os cães dele. Encontrámo-los junto à barragem onde as ovelhas se afogaram. Tinham os focinhos ensanguentados; ainda agarrei um e levei-o ao vizinho e disse-lhe quais os prejuízos que os seus cães tinham feito. Se ele não pagar, vou buscar a Guarda’.

No reboque vinham três ovelhas mortas. Uma ainda mexia. ‘Pelo menos doze contos. E ainda há as que estão feridas... Vinte contos, é o que ele vai ter que pagar’.

Levámos as ovelhas mortas para o estábulo. O rebanho foi se abrigar debaixo de um sobreiro próximo porque estava de novo a chover. ‘Tínhamos 83 ovelhas. Vamos contá-las para avaliar bem os prejuízos. Tragam-nas para o alpendre’.

As ovelhas estava em pânico. Devi-

am ter passado um mau bocado, na noite passada. Conduzimo-las para a entrada mas não queriam ir para o alpendre escuro. Algumas opunham-se, tentando voltar para trás. Houve uma grande confusão, que se contagiou às outras, tendo mesmo algumas fugido. Tivemos que amarrar os cães, que se atiravam a elas de uma forma terrível. Metêmo-las todas lá dentro, mas foi preciso usar de muita astúcia.

Três de nós foram com elas para o alpendre, enquanto dois ficaram fora, junto da porta. Os três queriam deixar sair uma só ovelha de cada vez, de forma a que os que estavam fora pudessem fazer a contagem sem confusões. Foi difícil. Depois de todas terem saído, o M tinha contado 70 e eu 73. Portanto havia que recomeçar tudo outra vez! O F praguejava.

Não conseguimos voltar a meter as ovelhas no alpendre. Não iam pela força nem pelo jeito. Berravam, olhavam-nos cheias de raiva, tentavam fugir.

Deixámo-las em paz. Desajeitadas, puseram-se a correr e, em pouco tempo, já estava outra vez formado o rebanho. Guiámo-las, sem grandes gestos nem grande algazarra, de forma a pô-las em fila e pudemos empurrá-las para um lado e contá-las como pérolas soltas de um colar. O M tinha chegado às 76 e eu às 72. O A tinha desistido.

Voltámos a tentar. Pusemo-las novamente em linha. Voltámos a contar. Os resultados ainda foram mais desastrosos: 70, 72, 73 e 76. O F levantou o braço e deixou-o cair. Queria dizer-nos que desistíssemos.

As mulheres regressavam do campo. Olhavam para as ovelhas mortas e lamentavam as feridas. ‘Pobres bichos!’. Os cães do pastor ladravam. Apareceram dois homens vindos do monte. ‘Que horror! Mas não podem ter sido os meus cães, F. É certo que os viste lá. É certo que tinham o focinho ensanguentado. Mas não foram eles que vos comeram as ovelhas. É que eu conheço os meus cães! Andam sempre à procura de qualquer coisa para comer. Se tivesses visto bem, F, terias com certeza reparado que nenhum deles estava com a barriga cheia. Além disso, eu próprio tenho ovelhas e

nunca lhes fizeram mal’.

Ninguém disse nada. Dirigiu-se a mim. ‘Não podem dizer, sem mais nem menos, que foram os meus cães que fizeram este prejuízo e que agora tenho que pagar. O F fala em 20 contos. Não junto isso nem num ano’.

O homem fez-me pena. ‘Vamos lá pôr tudo em pratos limpos’, disse-lhe.

‘Com certeza que sim! Afinal de contas somos vizinhos. E os vizinhos têm de se compreender. Lá por eu trabalhar por conta própria e vocês pertencem a uma cooperativa, não quer dizer que sejamos inimigos, pois não?’.

‘Se não quiseres pagar, vou chamar a guarda’. Ao dizer isto, o F nem sequer olhou para o vizinho.

‘Assim não nos entendemos, F! Assim não!’.

Agarrou pelos ombros o outro homem, que não tinha dito nada, e arrastou-o consigo. ‘Não foram os meus cães. Eu cá conheço-os bem!’.

Desapareceram os dois.

‘Já que estamos todos juntos, vamos tentar precisar outra vez o número de ovelhas’. Voltámos a pô-las em fila. As mulheres chamavam-nas com gritos carinhosos e agudos. Os rapazes davam estalidos com a língua. 72, 73, 74 foi o que conseguimos contar. Desistimos.”

(in *Diário no Alentejo*)

## Conclusão

Depois de ler isto fiquei aflito. Então, se agora é esta dificuldade em contar ovelhas, o que não seria há milhares de anos atrás?

E nunca mais voltei a ser o mesmo. Pelo menos quando falo da origem dos números...

## Referências

- Adler, I. (1969). *Números e Figuras*. Lisboa: Ed. Verbo.
- Bustorff, Jochen M. (1983). *Diário no Alentejo*. Porto: Ed. Afrontamento.
- Karlson, Paul (1961). *A Magia dos números*. Rio de Janeiro: Ed. Globo.
- Silva, J. S. e Paulo, J. S. (1973). *Compêndio de Álgebra (1º tomo - 6º ano)*. Lisboa: Liv. Popular Francisco Franco.

José Paulo Viana  
Fsc. Sec. Vergílio Ferreira (Carnide)